

as questões teóricas e doutrinárias de base e a formação académica. Diversos colaboradores deste livro referem, criticamente, os obstáculos, por vezes decorrentes do próprio enquadramento organizacional, em que é hoje exercida a profissão, nomeadamente, as solicitações e políticas institucionais e as limitações, de ordem teórica e metodológica e de formação académica, face às exigências da intervenção. Elaine Carey-Bélangier (capítulo 11) expressa, nos seguintes termos, o espírito destas críticas: 'O trabalhador social assume um papel de monitorização, vigilância e recolha de provas, o que resulta na burocratização do trabalho social e na tendência para os trabalhadores sociais se manterem rigidamente colados aos procedimentos referidos. Começa-se assim a tirar espaço à discrição, assumindo o assistente social mais o papel de um técnico a cumprir regras, do que a de um profissional reflexivo a utilizar o discernimento profissional'.

O facto polémico é que a urgência das solicitações institucionais em que, muitas vezes, se trabalha, reduz a possibilidade de um trabalho individual e colectivo, orientado para o desenvolvimento. Ou, como diz Yolanda Guerra, no capítulo 10: 'As tendências que estamos a viver e que podem ser críticas para a profissão são as da individualização em detrimento do colectivo, do pragmatismo em detrimento da ideologia e de reflexão e da urgência e do curto prazo, em detrimento do processo de mudança. Desta forma e no actual contexto (crise do modelo de produção, crescimento de movimentos sociais e as críticas à sociedade de consumo) impõe-se ao serviço social uma revisão dos seus fundamentos'. É, portanto, necessário que os profissionais e as escolas que formam os assistentes sociais incorporem a consciência activa das transformações sociais globais em curso, reflectindo 'como se deve posicionar o serviço social para se constituir como sujeito histórico engajado na construção de um novo modelo histórico, estruturante da produção/gestão e usufruto de informação estratégica, e como irá o serviço social enfrentar os desafios históricos de resolução informacional' (Perci Coelho de Souza, capítulo 13). Por outro lado, se a disciplina do serviço social se desenvolveu na confluência de metodologias de intervenção e de conhecimento de terreno, todavia, como diz Teresa Zamanillo (capítulo 5): 'Subsiste, no entanto, ao nível de formação académica, a segmentação entre teoria e prática, embora

desde há anos se discuta a necessidade de uma epistemologia integrada, que proporcione uma estrutura teórica significativa para a intervenção'. O que está fundamentalmente em causa, então, são as estratégias de articulação e intervenção interdisciplinar e de conhecimento integrado, necessário para a complexidade dos contextos contemporâneos de sociedade, transnacionalismo e luta pela justiça.

A leitura estimulante deste livro sobre o centenário do serviço social esclarece, assim, que esta continua a ser uma profissão em construção e que a disciplina e seus profissionais continuam envolvidos no esforço de (auto)reconhecimento da identidade e do alcance social da sua intervenção. Esta forma de profissão que é, simultaneamente, um modo de conhecimento da sociedade demonstrou enorme capacidade de se adaptar aos problemas e necessidades de cada época histórica, desde o final do século XIX, respondendo, de forma frequentemente inovadora, aos problemas e à cadeia de mudança. O risco hoje é o excesso de pragmatismo, racionalidade técnica da intervenção e fragmentação cristalizadas na urgência da actuação institucional, sem deixar lugar à reflexão. Ao mesmo tempo, porém, nunca como hoje, houve tantas oportunidades de trabalho criativo, centrando a intervenção nos sujeitos. Nunca como hoje, foram colocadas ao serviço social tantas oportunidades de trabalho produtivo em equipas multidisciplinares para o desenvolvimento. A questão estrategicamente importante é, assim, que a formação e pesquisa académica e a formação contínua na profissão acompanhem as novas complexidades e a nova expansão de direitos fundamentais.

**Maria Joaquina Madeira**

*Programa Operacional Emprego,  
Formação e Desenvolvimento Social –  
MSST.*

**Myrian Veras Baptista. 2001. *A Investigação em Serviço Social*. Lisboa e S. Paulo: CPIHTS e Veras Editora. 83 pp. ISBN: 972-97498-3-3.**

A investigação na prática profissional e a pesquisa histórica no serviço social são os temas desta obra e em torno dos quais a autora questiona o conhecimento linear e a investigação

historicamente descontextualizada das realidades sociais. Myrian Veras Baptista considera, na linha desta crítica, que a acção dos sujeitos profissionais é, intrinsecamente, produto de relações sociais concretas, histórica e socialmente construídas. A apropriação de uma metodologia crítica e rigorosa aparece, então, como fundamental. Por um lado, para acompanhar a diversidade e a dinâmica dos problemas complexos que os assistentes sociais enfrentam no quotidiano profissional. Por outro, para compreender como as condições sócio-históricas, em cada momento e lugar, se têm reflectido na profissão, produzindo paradigmas concorrentes e momentos de conflito e controvérsia. A autora analisa a forma como os assistentes sociais e seu mundo sócio-profissional 'produzem relações, sistemas de signos e símbolos que compõem uma estrutura particular de significados, formas institucionalizadas de organização social e de sistemas de status'. O seu grau de desenvolvimento e de reconhecimento está, assim, em relação estreita com o grau de desenvolvimento da estrutura das relações sociais onde se inserem e da forma como interferem nela, definindo o serviço social como acumulação de conhecimento, prática crítica e cultura profissional em permanente construção (pp. 13-16).

A investigação científica voltada para a acção sobre a realidade apresenta, assim, exigências próprias ao nível epistemológico e técnico e na associação fundamental entre teoria e prática. Investigar a prática profissional tendo a intervenção como horizonte, isto é, 'quando a relação cognitiva não é a relação predominante' (p. 39), confere à investigação um carácter instrumental: 'Na forma particular do conhecimento de uma disciplina de intervenção (...), emerge uma maneira particular de pôr problemas e construir soluções, lançando mão do desenvolvimento teórico e de aplicações tecnológicas. As mudanças alcançadas ao nível da intervenção podem receber interpretação teórica e política, mas, para isso, é preciso que elas sejam, como diria Babier, de facto, convocadas e não apenas invocadas' (p. 40). A sugestão claramente expressa pela autora é que o profissional deve desenvolver uma reflexão num sentido histórico, social, político e técnico, de questionamento dos conhecimentos instituídos, a fim de produzir patrimónios teóricos e práticas consequentes: 'A prática tem condições de ser fonte de teoria, de ser espaço de elaboração científica, desde que

problematizada e apreendida na sua concretização, de uma perspectiva crítica, proporcionada por uma teoria social. O pensamento ganha conteúdo através da sua interlocução com o real' (p. 41).

Em termos de orientação teórica, é no estruturalismo genético e na categoria de estrutura significativa desenvolvida por Lucien Goldmann que Myrian Veras Baptista encontra os princípios metodológicos capazes de pensar a prática, de modo a apreendê-la nas suas articulações e dinâmica e definir os procedimentos para a sua investigação. Assumir a prática profissional como objecto de investigação é, nesta perspectiva, revelar o seu carácter significativo, estrutural e funcional, o que exige o estudo conjugado de uma dimensão analítica interna e de uma dimensão analítica externa - para compreender, por um lado, a estrutura interna da prática nas relações com a sociedade e, por outro, para explicar a sua génese e dinâmica. O investigador necessita, então, seguir um conjunto de procedimentos rigorosos para que, no estudo das dimensões analíticas internas e externas, apreenda a complexidade e o carácter contraditório das relações, as visões do mundo dos grupos em interacção e a forma como estes geram e impulsionam as acções profissionais, precisando decidir quais os materiais empíricos que vai trabalhar e como trabalhá-los: 'A criação e a legitimação de objectivos, sentimentos e ideias, a produção de conhecimentos e procedimentos transmissíveis vai conformando a identidade profissional, as linhas gerais da sua organização e as actividades peculiares à sua profissão' (p. 56).

Estes propósitos práticos e analíticos exigem do investigador, antes de mais, que agrupe e ordene os dados. Este primeiro procedimento é complexo e delicado, porque obriga a que se tenha uma visão clara do conjunto de dados empíricos que compõem cada totalidade e uma hipótese, mais ou menos elaborada, da estrutura que lhe dá unidade. Na verdade, estabelecer as relações entre as diferentes unidades estruturais da prática pressupõe a formulação estratégica de hipóteses sobre a estrutura do objecto e suas determinações essenciais. Nestas aproximações, 'aprendendo passo a passo (...) sobre a estrutura e funcionamento do objecto', seleccionam-se os factos significativos 'até chegar a uma proposição estrutural que permita a compreensão e explicação de um conjunto coerente de factos'

(pp. 58-9). O procedimento metodológico seguinte é definir os critérios objectivos e instrumentos conceptuais de análise para distinguir o que é essencial do que é accidental na prática profissional, constituindo este procedimento, para a autora, o maior desafio do método ao serviço social.

Na parte final da obra, a autora introduz uma reflexão acerca da pesquisa histórica no serviço social, mantendo o imperativo de uma metodologia rigorosa na construção do corpus da investigação, a partir da sua relação com o processo histórico, num contexto específico de relações sociais que se transformam, à medida que se configuram novas relações. Práticas e conhecimentos têm de ser trabalhados nesta dinâmica como uma estrutura parcial vinculada a totalidades mais abrangentes. Não reconhecer a complexidade deste processo pode conduzir a uma concepção de historicidade como uma mera apresentação cronológica de factos e actores ou a uma narrativa que apresenta o serviço social 'apenas a partir de uma teleologia, numa perspectiva de pureza (...) que situa o olhar do investigador num espaço ideal, anacrónico, estranho ao objecto, sem vínculos com a sua constituição, contrapondo a impureza da prática, insistentemente denunciada e desqualificada, à pureza das reflexões de âmbito académico'. Em alternativa, Myrian Veras Baptista propõe que a investigação histórica deve ser orientada 'para entender por que um tal acontecimento se deu de uma certa forma e não de outra, num determinado lugar, num dado momento' (p. 69). A autora afirma, assim, baseada em Lucien Goldmann, que a possibilidade de compreender os factos empíricos e abstractos e extrair deles as suas leis e a sua significação constitui o único critério válido para julgar o valor de um método ou sistema filosófico. Este trabalho exige do investigador a compreensão dos dados empíricos como uma verdade parcial. Para Goldmann, 'toda a verdade parcial só assume significado, pelo seu lugar no conjunto, da mesma forma que o conjunto só pode ser conhecido pelo progresso das verdades parciais'. Assim, é por um processo de objectivação dos factos mais significativos e sua integração em conjuntos mais abrangentes que, por aproximações sucessivas, a realidade supera os seus limites assumindo uma configuração histórica e de totalidade (p.72).

Em suma, esta obra, como afirma Alcina

Martins no prefácio, constitui 'um significativo e valioso contributo, quer como matriz do pensamento e da teoria crítica no Serviço Social, quer como referencial para o aliar da investigação às práticas profissionais'.

**Rosa Tomé**

*Instituto Superior Miguel Torga*

**Maria Lucia Silva Barroco. 2001. *Ética e Serviço Social: Fundamentos Ontológicos*. São Paulo: Cortez Editora. 222 pp. ISBN: 85-249-0813-0.**

A autora deste livro é doutorada em serviço social, especialista em ética e testemunha aqui o seu empenhamento em renovar e refundir o debate da ética profissional, tornando-se, por isso, uma leitura importante para os assistentes sociais comprometidos com as implicações éticas do serviço para além do que antigamente se denominava, de forma puramente descritiva, a deontologia profissional. Paulo Netto diz, no prefácio, que 'este livro constitui, na bibliografia do serviço social em língua portuguesa, o primeiro trabalho que oferece a fundamentação adequada à formulação ética compatível com um projecto profissional radicalmente crítico, substantivamente democrático, concretamente humanista e orientado para o horizonte histórico do que Marx, em 1844, qualificava como emancipação humana' (p.10).

Assim, o eixo condutor da análise é dado pela apreensão das determinações e mediações que incidem sobre a consciência ético-política da profissão, concebida como expressão de possibilidades inscritas nas condições mais gerais da vida social. A ética profissional é permeada por conflitos e contradições consubstanciadas na formação moral dos indivíduos sociais; formas de representação e vivência do trabalho; vida quotidiana; vida cívica e política; apreensão do significado da profissão e dos novos pressupostos da 'questão social', em torno de valores, finalidades e responsabilidades profissionais colectivas. É precisamente neste campo de possibilidades, onde as escolhas são feitas, valores são afirmados e negados e onde surgem novas situações colectivas que a autora procura identificar as configurações e fundamentos da ética profissional.